



TRAJETÓRIAS, TERRITÓRIOS E REDES: REFLEXÕES A PARTIR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA E A RODOVIA TO-222

Marcos Pereira Neto
Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil
marcos_geo14@uft.edu.br

Raquel Almeida Mendes
Universidade Federal de Goiás, GO, Brasil
almeidamendesraquel@gmail.com

RESUMO – O artigo em questão evidencia os processos de formação da comunidade quilombola Dona Juscelina no município de Muricilândia, localizado na porção norte do estado do Tocantins. O escopo da pesquisa transcorre no entendimento das trajetórias que resultaram na formação territorial de Muricilândia, da comunidade quilombola e a atuação das redes nesse ínterim. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo onde adota-se inicialmente um levantamento bibliográfico sobre as temáticas principais da pesquisa e posteriormente a observação da dinâmica da comunidade para alcançar os objetivos propostos. No contexto do quilombo e do município tem-se duas redes que remetem aos processos históricos e geográficos da comunidade sendo o rio Muricizal que anterior a rodovia era o meio de acesso dos moradores a outras localidades e a rodovia TO-222 que representa na atualidade a principal via de circulação no município. A constituição do quilombo Dona Juscelina é fruto de trajetórias advindas de mulheres e homens negros que visando melhores lugares para moradia se deslocaram em busca das Bandeiras Verdes. A matriarca que nomeia a comunidade quilombola teve seus trajetos rumo as terras muricilandenses motivados por esses aspectos supracitados. A articulação entre as temáticas levantadas contribui no entendimento da dinâmica espacial da comunidade quilombola e do município de Muricilândia.

Palavras-chave: Trajetórias; Redes; Territórios; Quilombo Dona Juscelina; Rodovia TO-222.

TRAJECTORIES, TERRITORIES AND NETWORKS: REFLECTIONS FROM THE QUILOMBOLA COMMUNITY DONA JUSCELINA AND THE TO-222 HIGHWAY

ABSTRACT – The article in question highlights the formation processes of the quilombola community Dona Juscelina in the municipality of Muricilândia, located in the northern portion of the state of Tocantins. The scope of the research is based on understanding the trajectories that resulted in the territorial formation of Muricilândia, from the quilombola community and the performance of the networks in the meantime. It is a qualitative research where a bibliographic survey is initially adopted on the main themes of the research and then the observation of the community dynamics to achieve the proposed objectives. In the context of the quilombo and the municipality, there are two networks that refer to the historical and geographical processes of the community, the Muricizal River, which before the highway was the mean of access for residents to other locations and the TO-222 highway, which currently represents the main route of circulation in the municipality. The constitution of the quilombo Dona Juscelina is the result of trajectories coming from black women and men who sought better places to live in search of the Green Flags. The matriarch who names the quilombola community had their paths towards the Muricilandense lands motivated by these aspects mentioned above. The articulation between the themes raised contributes to the understanding of the spatial dynamics of the quilombola community and the municipality of Muricilândia.

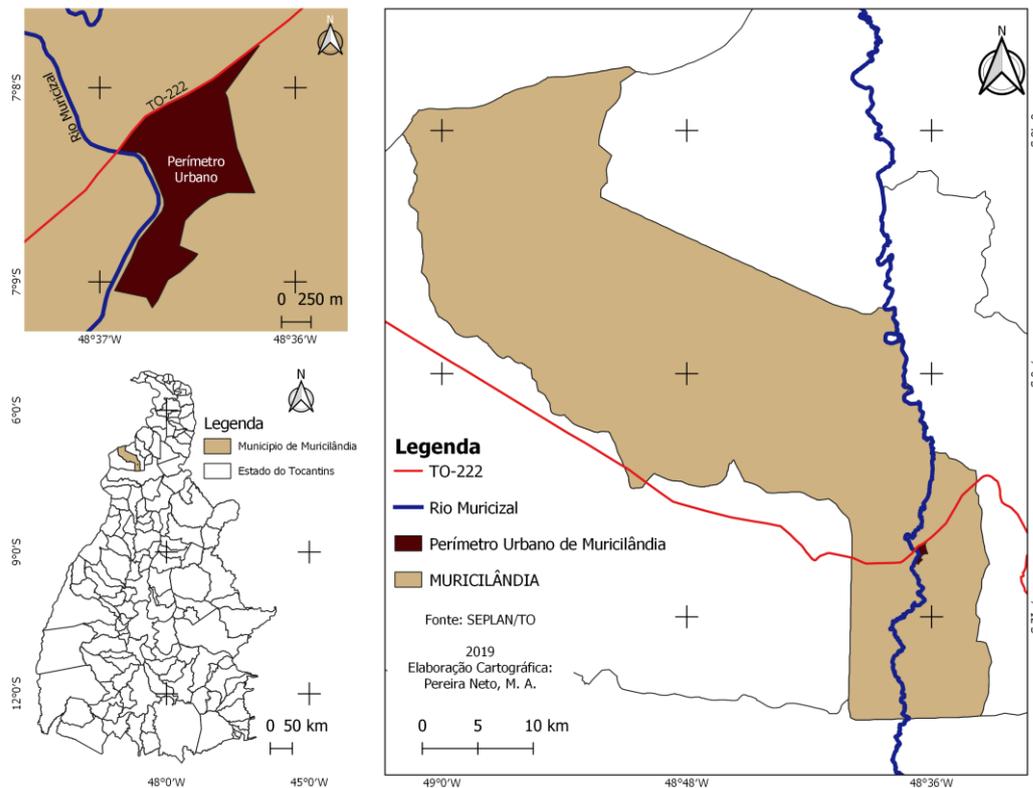
Keywords: Trajectories; Networks; Territories; Quilombo Dona Juscelina; TO-222 Highway.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata brevemente o processo de formação da comunidade quilombola Dona Juscelina e da cidade de Muricilândia. A comunidade está localizada no perímetro urbano de Muricilândia, no estado do Tocantins (MAPA 1), há aproximadamente quatrocentos e quarenta e nove quilômetros de Palmas, capital do Estado, margeada pela rodovia estadual TO-222 que corta o estado de leste a oeste, e a oeste da BR-153.

A comunidade leva o nome da matriarca, Juscelina¹, mulher negra, guerreira que lutou e ainda luta por conquistas para os seus, assim como seus antepassados que foram escravizados.

Figura 1. Localização da cidade de Muricilândia-TO



Orgs. Pereira Neto, M. A. (2019)

Os quilombos são marcados por trajetos de luta e resistência da população negra na diáspora (RATTS, 2006), têm-se na formação dessas comunidades a luta para a sobrevivência frente a um sistema desumano, responsável por inúmeras sequelas a população afro-brasileira, principalmente no que tange a afirmação dessa identidade quilombola, as suas territorialidades e direitos humanos. A comunidade quilombola Dona Juscelina encontra-se nesse ínterim de resistência e luta cotidiana em prol de suas pautas, dentre elas a demarcação e reconhecimento legal do território quilombola.

O nosso objetivo nesta comunicação é, inicialmente fazer um breve histórico de como se deu o processo de formação da cidade de Muricilândia e da comunidade quilombola, e assim, posteriormente, compreender as questões de redes a partir da rodovia estadual TO-222, para assim apresentar e problematizar a relação da comunidade e a rodovia. Aqui iremos trabalhar os trajetos e territórios de grupos étnico-tradicionais quilombolas no norte do Tocantins e externar

como o advento da rodovia influenciou os modos de vida dos quilombolas e da população em geral da cidade.

A relevância dos estudos sobre quilombo nas pesquisas acadêmicas ocorre a partir da década de 1970 como demanda de pesquisadores negros e pesquisadoras negras, dentre eles/elas podemos destacar o papel da historiadora Beatriz Nascimento que questionava e criticava as ausências e silenciamentos persistentes sobre a temática ou mesmo a ideia única do quilombo do palmares aprisionado ao passado (RATTS, 2006).

Sendo assim, torna-se necessária uma ressignificação, uma mudança no entendimento desse processo de apagamento das comunidades quilombolas no âmbito acadêmico, tendo em visto que os agrupamentos ainda acontecem, quilombos ainda se formam no cotidiano, o que nos gera distintas perspectivas sobre as espacialidades do “ser quilombola” para além de Zumbi dos palmares. Temos buscado entender sobre a relação África-Brasil, o processo afro-diaspórico e seus encadeamentos na constituição desses “territórios da liberdade” (RATTS, 2006).

O procedimento metodológico adotado respalda-se no enfoque qualitativo (MINAYO, 2001) e consiste inicialmente numa pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) sobre as temáticas principais do trabalho: trajetórias socioespaciais, territórios e redes, que interligadas serviram de subsídio para a compreensão do processo histórico de formação da comunidade quilombola Dona Juscelina.

As experiências dos pesquisadores em contato com a comunidade quilombola, no que tange o cotidiano do quilombo, o contato com membros e líderes da comunidade, os diálogos e cantos da matriarca, os eventos culturais tais como o festejo da abolição, dentre outros, também subsidiaram a escrita e produção desse trabalho num viés fenomenológico (RELPH, 1979).

O presente trabalho está organizado em duas partes principais, sendo “Trajetos e Territórios: a comunidade quilombola Dona Juscelina” e “Redes: a Comunidade Dona Juscelina e a TO-222”, respectivamente. No primeiro momento apresentamos uma aproximação dos conceitos de trajetórias socioespaciais e territórios, interligando-os ao conceito de quilombo, bem como o entendimento destes de acordo com as peculiaridades da comunidade quilombola Dona Juscelina. Na segunda parte nos atentamos ao conceito de rede, em específico as redes rodoviária e hidrográfica na ótica do processo de formação da comunidade quilombola supracitada.

TRAJETOS E TERRITÓRIOS: A COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

Pensamos que para entender o mundo dos indivíduos é preciso nos atentar sobre suas trajetórias de vida, uma vez que, para interagir na história da vida de um indivíduo, é preciso nos atentarmos aos espaços por eles utilizados e produzidos, uma vez que ele, o espaço se faz presente na formação e influencia a sociedade.

O processo de interação dos sujeitos com a sociedade ocorre por meio das experiências de vida destes com o espaço, ou seja, estas experiências acontecem por e partir das espacialidades que geo-grafam no espaço vivido os inúmeros trajetos e percursos que as/os agentes sociais desenvolvem temporalmente e simbolicamente:

[...]para se pensar o curso de uma vida a partir dos tempos-espaços vividos, opta-se, aqui, por utilizar a terminologia trajetória sócio-espacial. Acredita-se que esta nomenclatura expressa uma ideia de movimento, por conseguinte, de algo não-acabado e que imprime interações (aproximações e distanciamentos com outras trajetórias) (CIRQUEIRA, 2017, p.74).

As trajetórias socioespaciais podem ser consideradas como “[...] um “percurso” que o indivíduo perfaz durante sua vida, em que há uma relação mutua entre indivíduo e coletividade [...]” (CIRQUEIRA, 2010, p. 42). Para tanto, entendemos a vida de cada indivíduo como um percurso, um caminho, sua trajetória, que são dotados de significados com os lugares, e que contém uma sucessão de acontecimentos, esses percursos sobre o espaço são suas trajetórias socioespaciais.

[...] a trajetória de uma vida também é conformada pelo espaço. Isso pressupõe que os indivíduos perpassem por um repertório de lugares no decorrer de suas vidas, os quais, como dito anteriormente, são experienciados, significados e interpretados. O espaço, em uma relação de reciprocidade, influencia os indivíduos (CIRQUEIRA, 2010, p. 43).

Sendo assim, a origem da ocupação do município e da comunidade quilombola “[...] tem seus primórdios na migração de mulheres e homens negros de regiões inóspitas do Brasil, uma fuga motivada pela falta de condições de vida e pela busca de terras devolutas e abundantes [...]” (OLIVEIRA, 2018, p. 33). Essas mulheres e esses homens na segunda metade do século XX, andavam em direção as Bandeiras Verdes, locais de matas características da Amazônia, de preferência as margens dos grandes rios, em busca de locais para moradia e cultivo para subsistência, esses locais eram considerados inocupados e ideais para sobrevivência longe da seca. Esse movimento tem como principal personalidade Padre Cícero, que segundo relatos de alguns romeiros que tinha visões de Padre Cícero, e ele dizia para explorarem em direção ao sol poente, rumo às bandeiras verdes (VIEIRA, 2001).

Os relatos destacam dois momentos do movimento migratório de formação da cidade de Muricilândia e da comunidade quilombola Dona Juscelina, que são espacialmente e temporalmente distintos. O primeiro, na década de 1950, de viés da fé, a partir dos romeiros(as) devotos de Padre Cícero, como supradito, e o segundo, a chegada da matriarca com sua família, já na década de 1960, oriundas(os) do interior do Maranhão, circunstância que colaborou para a certificação e fortificação identitária como quilombola (OLIVEIRA, 2018).

Segundo Hall, (2009), a identidade é algo produzido lentamente no tempo, por intermédio de métodos conscientes, e não algo inato, presente na pessoa no momento do nascimento. Encontra-se sempre algo “imaginário” a respeito de sua unidade, ela conserva-se permanentemente inacabada, está a todo o momento em evolução, sempre sendo tecida. A identidade é uma produção social. Assim então explanamos comunidade quilombola,

O quilombola típico, se assim pode dizer, não fugia apenas dos maus tratos e da escravidão. Um homem em condições físicas e psíquicas normais, embora vivendo sob um sistema de instituição vigorosamente opressora, poderia voluntariamente imaginar para si instituições mais de acordo com as suas potencialidades e aptidões, o que era impossível de realizar dentro da ordem social escravocrata. O quilombo não foi o reduto de negros fugidos: foi a sociedade alternativa que o negro criou (NASCIMENTO, 1976, p. 101).

Na conjuntura considerada na comunidade Quilombola Dona Juscelina, são essas questões que nos provocam à pesquisa, pelos relatos históricos, que nos conduzem no tempo, no tempo de seus antepassados, pois são memórias que fazem parte da vida e da cultura desses quilombolas, e é repassado no grupo por um processo intergeracional (OLIVEIRA, 2018). A cultura dessa comunidade é visível nas falas e nas verdades comunicadas em diálogos.

Por referir-se de uma comunidade de reconhecimento atual para estudos históricos, são escassas as fontes que dispuseram a nos indicar em qual data sucedeu o princípio da comunidade Quilombola Dona Juscelina. A Comunidade Quilombola e a cidade, segundo Oliveira (2018) começa a ser construída no final da década de 1940 e começo da década de 1950, com a chegada de algumas mulheres e homens, que estavam no Morro do Santo Cruzeiro guiados pela fé e sabedoria popular de que lá embaixo haveria um rio, o rio Muricizal, e é às margens dele que começa a ser tecida a trajetória de Muricilândia, pautada na fé e coragem de mulheres e homens que se estabeleceram nas matas da depressão do Araguaia, miticamente para eles as bandeiras verdes.

O entendimento da categoria geográfica território se fez necessária nesta pesquisa, onde recorreremos à luz de pesquisadores tais como (HAESBAERT, 2004) e (ANJOS, 2006), objetivando uma interconexão do conceito de território\territorialidade e território étnico, respectivamente.

O geógrafo Rogério Haesbert nos propõe uma perspectiva de território como algo que “[...] em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político” (2004, p.01), o autor nos denota que o território em suas múltiplas facetas expressa tanto a ideia de materialidade do espaço quanto a sua subjetividade por meio das marcas do vivido e das experiências das/dos agentes territorializadas/dos.

O conceito de territorialidade que abordamos a partir de (HAESBERT,2004) permite que entendamos de forma basilar as manifestações e funcionalidade do território para os/as quilombolas, tendo em vista que:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBERT, 2004, p. 03)

Arelado as discussões sobre território e territorialidade supracitadas, a concepção de território étnico advir como um elo da categoria geográfica em questão somada as relações étnico-raciais, portanto um caminho oportuno para discussão das territorialidades quilombolas. Para ANJOS (2006), por meio de suas pesquisas sobre comunidades remanescentes de quilombos, o conceito de território étnico.

[...] seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, via de regra, a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma auto-afirmação política-social-econômica-territorial (ANJOS, 2006. p.81).

A construção de territorialidades negras nesse país durante o período colonial representava a resistência de um sistema escravista que desumanizava corpos negros. Os quilombos eram para negras e negros escravizados um espaço de possibilidades para uma vida menos hostil na diáspora.

As marcas da impiedade ainda se fazem presentes, quilombolas ainda são marginalizados e silenciados nas narrativas históricas brasileiras, entendemos que o direito a terra e a demarcação

de seus territórios contribuem na manutenção e na reafirmação de suas tradições culturais advindas de uma herança atlântica/africana/afro-brasileira.

REDES: A COMUNIDADE DONA JUSCELINA E A RODOVIA TO-222

A vida em redes, as redes de vida, as redes vivas. Nossa sociedade encontra-se marcada na atualidade pelas conexões múltiplas de viés natural, social, financeiro, político dentre outros, configuradas por meio de redes. As sociedades capitalistas e a lógica de mercado têm se fortalecido cada vez mais em função de um mundo global, dotado de redes técnicas que contribuem o processo de expansão do capital (CASTILHO, 2014).

Considerando aspectos da ordem social, as redes, segundo o pesquisador Frijot Capra, são constituintes de todo e qualquer sistema vivente, tendo em vista que “[...] onde quer que nos deparemos com vida, constatamos redes [...]” (CAPRA, 2003, p.04). Dessa forma, compreendemos que as redes, em seus mais diversos moldes e dimensões espaciais são necessárias para a vida, manutenção e organização desta.

A cidade de Muricilândia e o quilombo Dona Juscelina podem ser analisados a partir de duas redes que estão imbricadas na sua funcionalidade. As redes, e em especial as redes técnicas, segundo Castilho (2017), “[...] são tidas como elementos de expansão do capitalismo pelos lugares [...]. Além de meios de integração da economia regional e dos sistemas produtivos nacionais, elas configuram, [...], a geografia dos territórios e dos centros urbanos” (CASTILHO, 2017, p. 57).

Num primeiro momento, no início da formação territorial, a cidade e a comunidade quilombola tinham, e têm, como principal via de acesso o rio Muricizal, rede importante no início da territorialidade, uma vez que era a partir do rio, que a população local tinha acesso há outros lugares, como exemplo na cidade de Xambioá com acesso pelo rio Araguaia. Essas redes têm como propriedade fundamental “[...] sua conectividade e o fato de viabilizarem a circulação e a economia” (CASTILHO, 2017 p. 57).

O rio foi o responsável pela conectividade dos interlocutores viabilizando essas circulações como observa Oliveira (2018): “Parte do que era produzido era comumente transportado da roça até o porto para ser vendido na cidade de Xambioá, por via do rio em canoas ou nos batelões. Fazendo o roteiro Muricilândia, Araguanã e Xambioá” (OLIVEIRA, 2018, p. 54).

O processo histórico, bem como o processo de formação socioespacial da cidade de Muricilândia, apresenta como fator significativo o rio Muricizal, algo retratado por meio da oralidade de pioneiras e pioneiros da cidade:

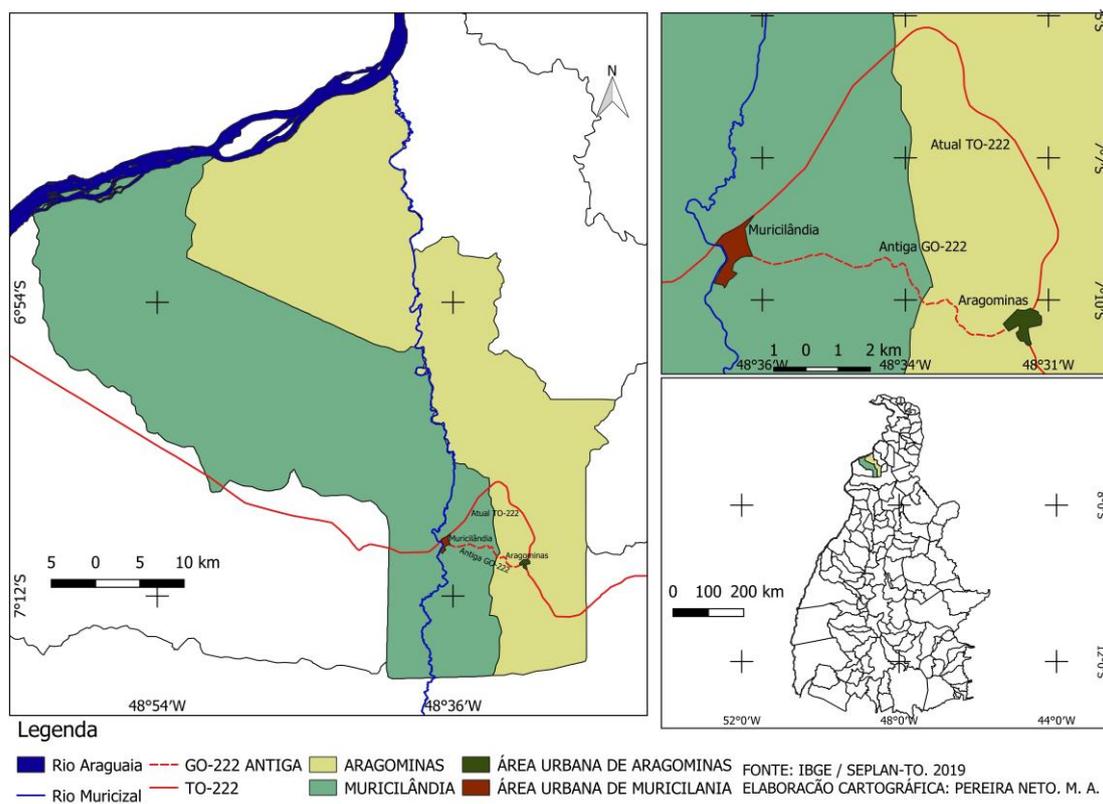
Era 20 de agosto de 1952 e, após um dia inteiro de viagem, chegaram à beira de um rio, e dentre outras coisas que se observou como água em abundância e que as terras eram férteis em função da grande quantidade de árvores que se encontravam às margens do rio, perceberam que uma árvore carregada de frutos se espalhava pelas margens do rio, eram pés de murici, frutos vermelhos, ácidos, mas de sabor agradável, e assim batizaram o rio como Rio Muricizal, e o lugar como Muricilândia (SOUSA, 2016, p.05).

Oliveira (2018) também nos ressalta a importância do rio para a cidade e para a comunidade, nas relações territoriais e das relações com outras localidades na rede urbana regional.

As trajetórias destes também eram realizadas por terra, através das picadinhas ou por água, através do rio principal, o Muricizal. Que levava às comunidades que ficava às margens do Rio Araguaia: Araguañã e Xambioá. O Rio Muricizal contribuiu para o crescimento e fortalecimento da comunidade. Principalmente na sua territorialidade a exemplo das relações diversas tecidas com Xambioá (OLIVEIRA, 2018, p. 58).

Com o advento da rodovia TO-222, o rio perde um pouco do uso, pelo marcador de projeto rodoviário brasileiro, assim “[...] o Muricizal, que já foi via de transporte principal com acessibilidade a outras localidades, mas teve sua utilidade minimizada com a construção da rodovia TO-222[...] (OLIVEIRA, 2018, p. 25).

Figura 2. Localização da rodovia to-222 nos limites da cidade de Muricilândia-TO



Org. Pereira Neto, M. A. (2019)

A rodovia hoje é a principal via de acesso à cidade de Muricilândia e à comunidade Dona Juscelina, denominada TO-222, ou Rodovia Adevaldo de Oliveira Moraes, possui uma “[...] extensão de 266km, ligando os Rios Tocantins e Araguaia, entre a cidade de Filadélfia e o Povoado Porto Lemos (Pontão), no município de Santa Fé do Araguaia passando por Araguaína, Aragominas, Muricilândia e Santa Fé do Araguaia” (TOCANTINS, 2001)

Em sua implementação a rodovia passou por uma alteração em seu projeto inicial, aumentando em aproximadamente vinte e dois quilômetros, por questões de investimentos para não necessitar a alteração da paisagem geomorfológica da Serra de Aragominas. A rodovia não mais passa pelo centro urbano da cidade de Muricilândia, não mais precisando desterritorializar moradores e também mantendo a harmonia destes com o rio Muricizal (Mapa 01).

A rodovia TO-22 e o Rio Muricizal foram elementos de extrema relevância no processo de ocupação territorial da cidade de Muricilândia e ainda representam bastante importância no que concerne o acesso e conexão da cidade a outras localizadas no entorno, na utilização dos recursos hídricos por parte das/dos muricilandenses, assim como no uso agropecuário.

É por essa rodovia que os/as quilombolas conseguem hoje acessar as outras cidades, principalmente Araguaína o maior centro urbano da região norte do Tocantins, localizada a sessenta quilômetros de Muricilândia, assim os quilombolas e os moradores da região podem ir a bancos, ter acesso a serviços médico-hospitalar, fazer compras, ir à universidade², acesso a instrumentos de serviços públicos e privados que garantem uma melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos trajetos, territórios e lugares pelos quais Dona Juscelina e todas as mulheres e homens, que em sua concepção alcançaram as bandeiras verdes no norte do estado do Tocantins a partir do viés de fé, constituíram uma cidade e uma comunidade quilombola.

Dessa maneira, compreendendo as relações sociais e espaciais ocorridas, as redes surgem como um meio de possibilidades e de articulações desses grupos, sendo o rio Muricizal inicialmente (rede fluvial) e posteriormente a TO-222 (rede rodoviária). Esta rodovia ao ser construída e alterada, deixando de passar no centro da cidade de Muricilândia, contribuiu no processo de pertencimento e identidade quilombola aquele espaço, e a continuidade da relação das/os quilombolas com o meio, uma relação que vem do rural, porém transmitido no urbano por não haver um território próprio.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Rafael Sânzio. Geografia, territórios étnicos e quilombos. In: GOMES, N. L. (Org.). Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro. Brasília: MEC/ SECAD, 2006. p. 81-103.
- CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CASTILHO, Denis. Modernização territorial e redes técnicas em Goiás. 2.ed. Goiânia : Editora UFG, 2017.
- CASTILHO, Denis. Modernização Territorial e Redes Técnicas em Goiás. 2014. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Racismo e Experiência do Lugar em Estudantes Negras e Negros. Geografia, Ensino & Pesquisa, [s.l.], v. 21, n. 2, p.72-87, 1 set. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/24136/pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.
- CIRQUEIRA, Diogo Marçal. Entre o corpo e a teoria [manuscrito]: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.
- GIL, Antônio Carlos, 1946 - Como elaborar projetos de pesquisa / Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.
- HAESBERT, Rogério. O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In:_____. Dadiáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Editora Filhos da África. 2018.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. Território e Territorialidade nos Limites do Rural e Urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO. 2018. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. Geografia, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

SOUSA, Ruberval Rodrigues de. Etnografia e História Oral: Evidências de uma comunidade remanescente de quilombo. 2016. Disponível em: <https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462156433_arquivo_etnografiaehistoriaoral-textocompleto.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

TOCANTINS. Denominação de Rodovias: TO-222 - Rodovia Adevaldo de Oliveira Moraes. 2001. Disponível em: <<https://www.seinf.to.gov.br/menu-lateral/rodovias/denominacao-de-rodovias/-/>>. Acesso em: 23 maio 2019.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental. 2001. 623 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

¹ O nome da matriarca é Lucelina Gomes dos Santos, tendo como nome social, Dona Juscelina. (OLIVEIRA, 2018).

² Um estudo realizado por PEREIRA NETO, M. A. (2018) na Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, intitulado: “Novos Lugares e Olhares: as trajetórias socioespaciais dos/das estudantes quilombolas da Universidade Federal do Tocantins – campus de Araguaína nos anos de 2016 e 2017” mostra as trajetórias de estudantes da comunidade quilombola Dona Juscelina no seu percurso até a Universidade.